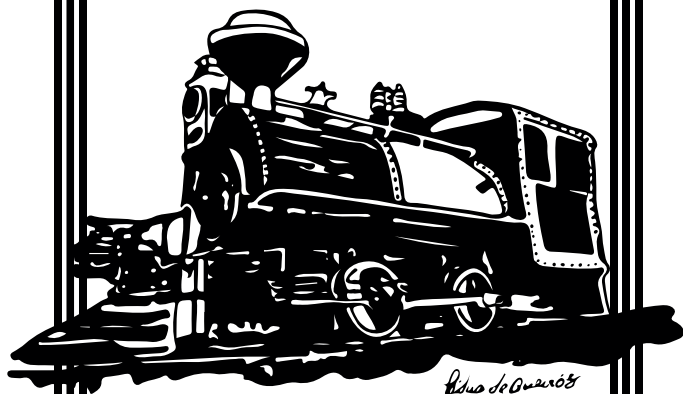


literatura de cordel

A história da estrada de ferro no Ceará



Autor: Pádua de Queiroz



Pádua de Queiroz | paduaqueiroz@gmail.com | 85991566775

Hoje eu convido a todos
A embarcarem neste trem
Pra conhecer nossa história
Não vai gastar um vintém
Pra fazer esta viagem
Não precisa de bagagem
Venham comigo também.

Vai partir da plataforma
Da antiga Estação
Que hoje é nosso Museu
Pode entrar neste vagão
Garanto vai ser legal
Partindo da Capital
Com destino ao Sertão.

Mas antes vou lhes contar
A história da ferrovia
Que mudou meu Ceará
E não foi da noite pro dia
Mas o trem virou sucesso
Sobre os trilhos do progresso
Um projeto de ousadia.

Para época, tão difícil
Até de imaginar
Mas no Rio de Janeiro
A Ferrovia Mauá
Já era realidade
Transportando na cidade
O povo nobre de lá.

Pra se contar a história
É bom sublimar a data
E para veracidade
Tem que ser precisa e exata
Era trinta de abril
No sudeste do Brasil
Que a “Baronesa” engata.

O seu primeiro vagão
Que agradou o soberano
Era mil e oitocentos
E cinquenta e quatro, o ano
Com outra visão de mundo
O Imperador Pedro Segundo
Aprovou aquele plano.

A ideia do Barão
De Mauá foi mais além
Em Pernambuco se ouvia
O apito rouco do trem
São Paulo, Minas Gerais
Já tinham trilhos demais
Em pouco tempo também.

A obra seria cara
Se tratando de dinheiro
Dormente e trilho avançavam
Com o capital estrangeiro
E a máquina a todo vapor
Espionando no visor
O progresso brasileiro.

Tá na cearensidade
Deste povo que não para
Cearense de verdade
Não espera noite clara
Se quer fazer, vai e faz
O Barão de Aquiraz
Encarou a obra cara.

Com o Barão de Ibiapaba
Com o Senador Pompeu
Com um negociante inglês
Que aqui apareceu
E também com o engenheiro
José Pompeu que ligeiro
O seu aval logo deu.

Naquele cinco de março
Do ano mil e oitocentos
E setenta que soprou
Do progresso novos ventos
Foi um marco esse dia
E a nossa ferrovia
Mesmo a passos lentos.

Sairia do papel
Para a safra escoar
Da Serra da Pacatuba
E em seguida prolongar
Pra Maranguape bem perto
O retorno era certo
Para a obra se pagar.

A obra chamou atenção
Do chefe provincial
Que até assinou contrato
Designando o local
Que a última estação seria
Para aquela ferrovia
Enfim, o ponto final.

Era cidade serrana
Chamada Baturité
Que estava começando
A produção de café
Algodão, feijão e milho
Vamos assentar os trilhos
Pode dar o pontapé.

Foi em mil e oitocentos
E setenta o início
Engenheiros contratados
Por perícia neste ofício
Era primeiro de julho
Muito trabalho e barulho
Suor, muito sacrifício.

A obra era mesmo digna
De todos os elogios
No início foi tranquilo
Sem precisar de desvios
Todo mundo trabalhando
E a matéria chegando
Da Europa em navios.

Trouxeram de Liverpool
Pontes, tubos de latão,
Tudo vinha de navio
Cimento pra construção
De Antuérpia, vários lotes
Trilhos, pregos em caixotes
Talas para junção.

O primeiro trecho da obra
Estação Central e oficina
Chegou logo à Parangaba
Sem esbarrar em colina
E a Hunslet Número Um
Com seu jeitinho incomum
Parecia uma menina.

Desfilando sobre os trilhos
Das ruas da capital
Era mil e oitocentos
E setenta e três, afinal
Esta data eu me lembro
Foi em trinta de novembro
Que inauguraram a Central.

E a obra prosseguia
Em conforme ao planejado
Para alegria do povo
Era um trecho inaugurado
Mas veio a seca terrível
Tornando o plano impossível
De então ser realizado.

Devido a grande seca
A mais terrível e mortal
Com ela veio a galope
Um desconhecido mal
A obra paralisou
Nem rico ou pobre poupou
No interior e capital.

E mesmo sob o sol quente
E da seca que consumia
O trabalho continuou
Manhã, tarde, noite e dia
Logo assinaram um ato
Da Capital até o Crato
E a Sobral se estenderia.

No Ceará duas artérias
De ferro se abririam
Duas magníficas estradas
Que mais tarde se uniriam
Da linda Estação Central
Lá da nossa capital
Pros dois lados partiriam.

E no sentido da serra
Sob dormentes, a obra
Caminhou a passos largos
Numa surreal manobra
Cortando serra e colina
Não parava a rotina
Coragem tinha de sobra.

Desbravando o Maciço
Indo em direção ao Crato
Trabalhadores braçais
Mesmo no anonimato
Trabalhavam, pois sabiam
Que assim se cumpriria
No prazo aquele contrato.

Se estenderia à Sobral
De Sobral a Camocim
Interligando cidades
Do sertão ao mar sem fim
Subindo serra e chapada
Numa ousada empreitada
Era realmente assim.

No outro lado, no Maciço
A obra continuava
E em mil e oitocentos
E oitenta e dois chegava
A primeira locomotiva
E o povo gritava: viva!
Lembro que vovô contava.

Que ao ver a Cento e Seis
Passando no seu terreiro
Baturité se alegrou
E juntou o povo inteiro
Bem em frente à estação
Pra ver a composição
Fabricada no estrangeiro.

Imagino a alegria
Que sentiu minha cidade
Vendo a estrada de ferro
Se tornar realidade
Também imagino a gente
Do Crato quase descrente
Naquela ansiedade.

Igual a serra, o sertão
Era um obstáculo natural
Depois outra pandemia
E a nível mundial
Tirou o trem da bitola
A tal gripe espanhola
Chegou de forma brutal.

Assustando os operários
Da obra quase parada
Demorou, porém chegou
No final dessa empreitada
O trem e sua equipe
Ao sopé do Araripe
Viu sua última parada.

Ser concluída com êxito
Com uma linda inauguração
O Crato esperou, mas viu
A sua bela estação
Que não cabia mais ninguém
Para ver o sonhado trem
No oásis do sertão.

Foi em mil e novecentos
E vinte e seis, sim eu lembro
A população presente
No sol de quase dezembro
Eu recordo aquele dia
Festa e muita alegria
Era nove de novembro.

A Princesa do Cariri
De magnífica beleza
Agora tinha um acesso
Rápido para Fortaleza
E quem de trem viajava
Com certeza desfrutava
Paisagens da natureza.

Com o advento do trem
Muitas cidades surgiram
E pequenos povoados
Bem depressa evoluíram
O trem trazia retorno
Para as cidades entorno
Muitas portas se abriram.

Eu ainda era menino
Mas me lembro muito bem
No Bairro do Putiú
Eu corria pra ver o trem
Lá na Praça da Estação
Naquela aglomeração
Não cabia mais ninguém.



Vendedores ambulantes
Gritavam: tá acabando!
Tem uva, tem macaxeira,
O milho tá esfriando,
Tem coco, tem tapioca,
Castanha de caju, paçoca
E o trem já vem chegando!

Este está indo pro Crato
Vindo lá da capital
Também vendo cafezinho
Colhido do meu quintal
Garanto, é quase de graça
Tem churrasco e cachaça
De sabor especial.

Pitomba e caldo de cana,
E é moído na hora
O preço é do seu agrado
Meu senhor, minha senhora
Pague um e leve dois
A gente ajeita depois
Pois o trem já não demora!

Num cantinho da Estação
Um poeta violeiro
Cantando versos pro povo
Ao lado de um companheiro
Que naquele vem e vai
Dizia assim: você cai
Me respeite, seu matreiro!

O colega respondia:
Se eu cair, caio pra frente
Você tem é que ser forte
Pra aguentar meu repente
Você não canta, só berra
Eu sou poeta da serra
Orgulho da minha gente!

E para cantar comigo
Tem que ter muita coragem,
Quando o trem parar aqui
Vá aproveitar a viagem
E se não tiver dinheiro
Lhe garanto, companheiro
Eu pago a sua passagem!

Vi um cantador de “coco”
Embolador de primeira,
Vendedores de cordéis
Mais parecia uma feira.
Aquele lindo local
Era um centro cultural
Tinha até mulher rendeira.

E o trem chegou na hora
E seu destino era o Crato
O relógio da estação
Trabalhava sempre exato
Melhor que o Big Ben
Marcando a chegada do trem
Nunca vi outro, de fato.

Hoje o trem já não passa
Aqui na minha cidade
O apito, o sino, o relógio
Ficaram só na saudade
Que bom se alguém ousasse
E este meu cordel chegasse
Às mãos de uma autoridade.

Com certeza saberia
A falta que o trem faz
As cidades do interior
Que outrora tão vivaz
Perderam sua economia
A cultura, a alegria
Seria muito eficaz.

Se reativasse ao menos
Um trecho entre duas cidades
Da ferrovia que era
A nossa identidade
Como em Santa Catarina,
Rio Grande do Sul e Minas
Que hoje é realidade.

Mas findo aqui meu trabalho
Deixando esta sugestão
Mas enquanto o trem não volta
Só existe uma solução
É viajar bem sentado
Com destino ao passado
No trem da imaginação.



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DA CULTURA

**Museu
Ferroviário**
ESTAÇÃO JOÃO FELIPE

instituto 
mirante

○ # ×



× → ◇

Pádua de Queiroz

cordelista

Poeta, cordelista, cantor, compositor, humorista, xilogravurista. Nasceu em Baturité (CE) no ano de 1971. O poeta iniciou sua trajetória no cordel em 1986, ao publicar o clássico "Quem acendeu Lampião". É membro fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC) - cadeira n°02 e Mestre da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará (SECULT-CE) - Tesouros Vivos e Notório Saber Em Cultura Popular(UECE).